

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Shirley Cristina Miranda

**MEDIAÇÃO LITERÁRIA: UMA PARCERIA POSSÍVEL
ENTRE BIBLIOTECA E SALA DE AULA**

**Belo Horizonte
2012**

Shirley Cristina Miranda

**MEDIAÇÃO LITERÁRIA: UMA PARCERIA POSSÍVEL
ENTRE BIBLIOTECA E SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Elisa de Araújo Grossi

Belo Horizonte

2012

Shirley Cristina Miranda

**MEDIAÇÃO LITERÁRIA: UMA PARCERIA POSSÍVEL
ENTRE BIBLIOTECA E SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Elisa de Araújo Grossi

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Maria Elisa de Araújo Grossi
Faculdade de Educação da UFMG

Kely Cristina Nogueira Souto
Faculdade de Educação da UFMG

*Dedico este trabalho a todos
que fizeram possível a realização de todos
os meus sonhos.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai Magnânimo, criador de todas as inteligências.

À minha mãe, Maria, Maria das Marias, com suas sublimes graças e amores.

Aos meus irmãos e sobrinhos que enchem meus dias de alegria e amizade;

Ao meu futuro esposo, Avani, que pacientemente soube aguardar e que trouxe para minha vida novas perspectivas.

Às minhas amigas de curso, Cristiane, Jacqueline, Simone e Sônia, com as quais pude compartilhar ideias e alegrias.

Às minhas amigas Lucilene e Sônia Regina, por todo carinho e atenção que dispensaram ao trabalho da biblioteca.

À minha amiga Adriana, que soube valorizar a minha história e que nunca se cansou de incentivar minhas realizações.

*“[...] descobri que viver sempre vale a pena e que as coisas que fazemos
por mais insignificantes que possam parecer
justificam toda uma existência.”*

Vô Francisco, *No Clarão das águas*

RESUMO

O discurso pedagógico atual afirma ser a leitura o instrumento básico e necessário a qualquer pessoa que esteja inserida na sociedade, portanto de grande valia a qualquer cidadão. A competência leitora influencia positivamente a sua vida social, pois o sujeito se sente inserido na vida social. Este trabalho pretende confirmar a importância da leitura na escola, enfatizando a parceria da biblioteca e da sala de aula. O Plano de Ação partiu do questionamento sobre a baixa frequência dos alunos do 1º ano do 3º ciclo, da Escola Municipal Milton Campos, à biblioteca. As ações foram direcionadas para possibilitar um projeto literário integrado com a sala de aula. Apoiando-se nas ideias de letramento literário, de COSSON (2009), o presente trabalho adotou um plano de desenvolvimento baseado na investigação direta – questionário prévio e entrevista final - e na prática da leitura literária na biblioteca. O questionário inicial revelou que ler é uma atividade apreciada pela maioria dos alunos. A biblioteca da escola, da mesma forma, também é valorizada no discurso dos estudantes. Durante o projeto, atividades de motivação, leitura e discussão da obra “No clarão das águas” buscaram subsidiar um planejamento em comum entre biblioteca e sala de aula. Já a entrevista final confirmou a importância da biblioteca na promoção e no incentivo à leitura.

Palavras-chave: leitura, biblioteca, integração, letramento literário.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 APRESENTAÇÃO	11
3 SITUAÇÃO-PROBLEMA	15
4 OBJETIVOS	17
4.1 Objetivo geral	17
4.2 Objetivos específicos	17
5 DESENVOLVIMENTO	18
5.1 Etapas do Plano de Ação	19
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	33
ANEXO A – Curta-metragem	34
APÊNDICE 1 – Questionário para os alunos	35

1 INTRODUÇÃO

A leitura fascina grande parte das pessoas, uma vez que é capaz de produzir determinados efeitos: criar, comunicar, transformar, reproduzir. Por meio da palavra, os seres humanos engendram vários mundos, inclusive o mundo interno de cada um. Pensamentos, reflexões, sentimentos são delineados pela palavra. Podemos dizer que as várias manifestações do ser passam pela palavra. Sua força, portanto, se estende por toda a vida do sujeito; imprescindível tomá-la para si com todas suas possibilidades.

A leitura consegue pactuar com o leitor e fazer emergir entre este e o texto uma interação – aceita ou não, implícita ou explícita. O acordo se firma quando o leitor entra no jogo da leitura, fazendo-se entender como parte importante do processo.

A compreensão do texto perpassa os caminhos trilhados pelo leitor em busca dos sentidos possíveis àquele texto. É nesse processo de busca que o leitor se insere e faz aproximar o texto ao seu mundo. Quando ele percebe que o texto ganha significado, instaura-se nesse momento um sentido próximo ao que as palavras oferecem. O leitor traz as palavras para seu mundo e, conseqüentemente, o texto ganha vida. Cosson (2009, p. 17) afirma que *“na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos.”*

Por outro lado, ler, muitas vezes, é sinônimo de recriação de ideias, transformação de saberes. O ser humano confronta-se com seu próprio eu e deixa emergir diante de si tudo aquilo que acumulou por anos, agora despertado pela leitura. Ler, aprender, desaprender, construir e destruir são ações plenamente possíveis na troca entre texto e leitor.

Em alguns momentos, há apenas a reprodução sonora dos sinais gráficos presentes no papel. Não há, portanto, a consciência do sentido do texto e vê-se como um amontoado de palavras. Relacionar as partes para formar um todo complexo garantiria uma plena compreensão textual, pois *“o leitor, perante o texto, processa seus componentes, começando pelas letras, continuando com as palavras e as frases... em um processo ascendente, sequencial e hierárquico que leva à compreensão do texto.”* (SOLE, 1998, p. 23).

Nas mais diversas situações, a leitura se faz presente. Não há lugar ou tempo reservados para que ela aconteça: no quarto ou no banheiro; na sala de aula ou no corredor; durante um congestionamento de carros ou no silêncio de uma biblioteca; através da janela do ônibus ou diante de um livro aberto em suas mãos.

Em qualquer hora ou em qualquer lugar, ler abre espaço para que a palavra crie, diante de si, diversos mundos ou situações. Cria-se um mundo virtual, no qual são recriados lugares, pessoas, objetos e ideias, às vezes distantes da nossa realidade. Em alguns momentos, o nosso universo só se faz compreensível a partir da imersão ao universo do outro. E nisso, a leitura pode ser considerada como um instrumento imprescindível na busca para nossas próprias indagações.

A leitura exige, portanto, pessoas dispostas a praticá-la. Não poderá haver limites entre o leitor e a palavra. O interesse será o botão que acionará esse processo. O ponto de chegada não será mais que um caminho com diversos rumos, forçando o leitor a tomar decisões a todo o momento. Eco retoma a metáfora usada por Jorge Luis Borges:

um bosque é um jardim de caminho que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua trilha, decidindo ir para a esquerda ou para direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção (ECO, 1994, p. 12).

2 APRESENTAÇÃO

Este Plano de Ação foi realizado numa turma de 7º ano (1º ano do 3º ciclo), denominada sala 10, da Escola Municipal Milton Campos. A instituição escolar localiza-se no bairro Mantiqueira, região de Venda Nova, em Belo Horizonte. Nessa escola, exercemos a profissão de auxiliar de biblioteca escolar desde 2004.

O espaço caracteriza-se como um ambiente amplo, bem cuidado e que acolhe cerca de mil e duzentos alunos, de idades diversas, em busca de conhecimentos. A escola oferece um ensino que vai da alfabetização ao Ensino Médio – este, em processo de extinção na Rede Municipal de Educação.

A instituição possui 18 (dezoito) salas de aula, cantina, sala dos professores, biblioteca, 2 (dois) laboratórios de informática, 1 (um) laboratório de Ciências, uma quadra esportiva coberta, 1 (um) teatro de arena, e, recentemente, foi inaugurado 1 (um) parquinho de diversões para as crianças menores.

A escola passou a contar, desde abril de 2010, com o Projeto Escola Integrada, cujo objetivo é atender, no contraturno, os alunos do Ensino Fundamental, em espaços próximos à instituição, visando ao aprendizado. Tal projeto está baseado no propósito de melhorar a qualidade da educação, por meio da ampliação da jornada educativa dos estudantes, com ações de formação nas diferentes áreas do conhecimento, como atividades de reforço pedagógico, cultura, lazer, esportes e formação cidadã.

O turno da tarde no qual trabalhamos é formado por parte do 2º ciclo e também pelo 3º ciclo. É possível perceber que são desenvolvidos projetos por alguns professores, com o foco voltado principalmente para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

A nossa preocupação, como promotores da leitura, é incentivar toda a comunidade escolar a tornar o ato de ler um hábito para toda a vida. Quando perguntados sobre a natureza da biblioteca, os alunos, sempre amorosos e alegres, reconhecem-na como o lugar privilegiado da leitura, utilizando esse espaço para seus momentos de leitura prazerosa e pesquisa. É surpreendente vê-los frequentar a biblioteca durante o recreio.

Entretanto, a biblioteca ainda não os atende de forma adequada, pois carecemos de mais espaço e ventilação. Por sua vez, o acervo sempre é alimentado por novas aquisições, por meio da compra e doações da comunidade.

O ensino na Escola Municipal Milton Campos, por enquanto, não atingiu os níveis recomendados pelos órgãos competentes da Educação. No Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)¹ de 2009, a nota da escola ficou abaixo dos 6% recomendados pelo MEC – alcançando 3,6% das metas de aprendizagem.

Nesse contexto de baixo desempenho escolar, se insere a biblioteca como lugar fomentador da leitura, podendo favorecer, dessa maneira, a melhoria dos índices de leitura e de escrita.

As atividades que estimulam o hábito da leitura, o conhecimento dos diferentes tipos de fontes informacionais (livros, revistas, dicionários, entre outras) e a utilização metódica para obtenção de material bibliográfico são fatores que influenciam o aprendizado nos seus diversos momentos da vida.

Os serviços bibliotecários de incentivo à leitura para alunos, integrados ao processo de ensino e aprendizagem, favorecem o desenvolvimento e consolidação do hábito de leitura nas crianças e nos jovens. Chamamos de serviços bibliotecários as atividades que passam a ter como objetivo principal o fomento à leitura, como contação de histórias, projetos realizados com a parceria do professor, livre acesso à biblioteca durante o recreio, horários de empréstimos das turmas definidos previamente. Este último recurso tem criado nas crianças o hábito de se preparar para a devolução e novo empréstimo de livros.

Pelo fato de a biblioteca da Escola Municipal Milton Campos apresentar dificuldades para a realização de atividades pedagógicas no processo de promoção da leitura, verificou-se a necessidade de se criar um projeto que tornasse viável o planejamento e execução desse tipo de atividade, junto aos alunos de 7º ano, de forma integrada ao processo de ensino e aprendizagem.

¹ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado pelo Inep em 2007 e representa a iniciativa pioneira de reunir, num só indicador, dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações. Ele agrega ao enfoque pedagógico dos resultados das avaliações em larga escala do Inep a possibilidade de resultados sintéticos, facilmente assimiláveis, e que permitem traçar metas de qualidade educacional para os sistemas. O indicador é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar e médias de desempenho nas avaliações do Inep, como o Saeb – para as unidades da federação e para o país, e a Prova Brasil – para os municípios.

O trabalho em sala de aula em torno da língua faz-se sempre por meio de leitura de textos e resoluções de exercícios. O ensino da língua materna centra-se muitas vezes no livro didático em detrimento do livro literário. A leitura literária ainda está dissociada do ensino da língua na maioria das salas de aula, embora aquela seja o veículo principal desta. O livro passa a ser, nesta perspectiva, somente como um apêndice do ensino do idioma, não sendo, portanto, valorizado em toda sua totalidade.

Chamou-nos a atenção a baixa da frequência à biblioteca entre os alunos do 1º ano do 3º ciclo, justamente em meio a mudanças de ciclo e início da adolescência. O que justificaria tal “frouxidão” no hábito de leitura desse público? O começo da adolescência? A leitura diluída nas diversas aulas que a grade curricular dessa faixa apresenta? O professor não teria como se ocupar das diversas funcionalidades da leitura no cotidiano do aluno? E a biblioteca? Como poderia intervir nesse processo? Qual seria a real importância desse espaço na escola?

Em algumas instituições, a biblioteca não desempenha o seu verdadeiro papel de disseminador de culturas. O poder público, a gestão escolar, o corpo docente e até mesmo a comunidade, em geral, não se apropriam devidamente desse lugar.

Situações diversas contrariam ou dificultam essa apropriação adequada. O uso da biblioteca como lugar de castigo ou como depósito de livros didáticos é um bom exemplo da inadequada utilização desse espaço de conhecimento. A descaracterização do ambiente também fica evidente quando se pensa a biblioteca como lugar de “tapar o buraco” de algum professor faltoso.

A nossa biblioteca ocupa uma posição central, seja do ponto de vista físico, seja do ponto de vista pedagógico – na discussão sobre a qualidade de ensino na Escola Municipal Milton Campos. Apesar de problemas físicos que encontramos na biblioteca, como a falta de ventilação e de uma estrutura que comporte o acervo em contínua expansão, percebemos certa disposição por parte de muitos professores em utilizar o espaço para o processo de ensino e aprendizagem. Contação de histórias, encontros literários, pesquisa em grupos, empréstimos de livros são algumas das atividades que fazem parte no nosso cotidiano.

O que nos motiva, nesse Plano de Ação, é a possibilidade de contribuir, efetivamente, para a elevação da competência leitora dos participantes das ações da proposta de intervenção. Trazê-los para a biblioteca, deixá-los livres para exercerem a sua cidadania, e fazer com que eles levem para junto de si o significado de ler. Assumimos

que a capacidade de ler e a prática da leitura teriam implicações importantes na participação social dos indivíduos, contribuindo decididamente para sua maior produtividade, intervenção política e social, organização da vida prática, etc. (BRITTO 2009, p. 187).

3 SITUAÇÃO-PROBLEMA

O gosto pela leitura tende a ser uma preocupação permanente dos profissionais da educação e da comunidade escolar. Quase impossível para alguém contrariar a ideia de que a leitura é uma das principais ferramentas disponíveis para se apropriar do mundo onde vivemos.

Sabemos que este termo – cidadania – é bem abrangente. Todavia, para se chegar à formação da cidadania, é preciso adquirir conhecimentos que tornam os sujeitos capazes de se reconhecerem como indivíduos portadores de direitos e deveres. Esses saberes devem fazer parte do cotidiano de qualquer indivíduo, e a leitura, por sua vez, instrumentaliza esse sujeito para exercer a cidadania.

Ler é, pois, o modo de tomar parte deste mundo. O objeto dessa ação passa a ser todo conhecimento produzido pelo homem. A inserção do sujeito na sua comunidade não exclui jamais a leitura. Esta se faz presente no ato de ler jornal para saber das notícias; ler o folder que informa sobre a maneira de combater a dengue; ler o livro que traz um momento de lazer; ler a placa que sinaliza os desvios do trânsito, dentre muitas outras ações. Tantas são as maneiras de se comprovar a presença da leitura – e sua inquestionável importância nos dias atuais – nos vários momentos da vida de qualquer pessoa.

Diante desse quadro, somos indagados a respeito da função da biblioteca. Ela tem conseguido contribuir para formar sujeitos conscientes de sua cidadania? Até que ponto a biblioteca escolar desempenha esse papel? Quais os caminhos possíveis para a promoção da leitura? Como integrar a ação da biblioteca com o trabalho desenvolvido em sala de aula?

Como auxiliar de biblioteca, essas questões nos instigaram e levaram, primeiramente, a observar como a leitura era feita no dia a dia dos alunos da Escola Municipal Milton Campos. No turno da tarde, contabilizamos o número dos empréstimos realizados pelos estudantes e analisamos o total, de acordo com o número de alunos do ciclo de aprendizagem.

Surgiu a evidência, trazendo à luz as respostas dadas no questionário aplicado, de que os pré-adolescentes do 3º ciclo, entre 11 a 14 anos, destacam a biblioteca como o lugar de lazer e cultura; entretanto, observando os empréstimos de livros e leitura livre durante o recreio, foi possível perceber que esse público não

frequenta o local como nos anos anteriores de escolarização. Os primeiros ciclos de aprendizagem constituem o grupo maior de leitores.

Durante nossa trajetória como auxiliar de biblioteca, trabalhamos, durante oito anos, com todos os ciclos de aprendizagem (inclusive com o Ensino Médio); desse modo, para se averiguar com que frequência os alunos vão à biblioteca e qual público é o mais assíduo, fizemos, *in loco*, a observação do serviço de empréstimos. E assim confirmou-se a hipótese anterior de que os adolescentes apresentam um maior afastamento do espaço.

Além de verificar a frequência de determinados segmentos de alunos à biblioteca, por meio do trabalho diário de empréstimos, foi possível observar também quais leituras eram mais requisitadas pelas crianças e pelos adolescentes. Na biblioteca, observamos que histórias de bruxas, duendes, contos de fadas são os preferidos das crianças entre 5 e 7 anos. Já os adolescentes de 12, 13 e 14 anos buscam se divertir com histórias de terror, povoados de seres fantásticos, além de novelas sentimentais e histórias de vampiros. Conhece-se, dessa maneira, o perfil dos leitores que frequentam a biblioteca na qual atuamos, observando de perto os assuntos prediletos deles.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Aproximar os alunos do 1º ano do 3º ciclo da Escola Municipal Milton Campos da biblioteca, incentivando o gosto pela leitura, por meio da realização de uma prática de leitura coletiva da obra *No clarão das águas*, ação conjunta com a professora de Língua Portuguesa.

4.2 Objetivos específicos

- Proporcionar a leitura oral dramatizada de um romance infanto-juvenil, de forma que os alunos percebam as diferentes vozes do texto.
- Trabalhar com os recursos do texto literário com ênfase e entonação adequadas, por meio da leitura da professora e da profissional da biblioteca, com o intuito de chamar a atenção dos alunos para a função da pontuação num texto.
- Promover momentos de discussões e análises do texto lido de forma coletiva.
- Trazer à memória dos alunos fatos que marcaram as suas vidas.
- Oferecer momentos de socialização para que a relação de respeito e tolerância aos idosos possa ser despertada a partir das reflexões.
- Refletir a respeito da situação atual dos idosos no Brasil.
- Elaborar e implementar pequenas oficinas de apoio educativo para favorecer a reflexão do tema desenvolvido pela obra trabalhada.

5 DESENVOLVIMENTO

O projeto implementado pelo Plano de Ação iniciou com o aproveitamento da proposta de leitura feita pela professora de Língua Portuguesa aos alunos do 7º ano, em 2011. O livro *No clarão das águas*, do autor Jorge Fernando dos Santos, foi indicado para leitura dessa turma, conhecida como Turma 10, na última etapa do ano letivo. Ao final do trabalho, temos uma sinopse da obra (ANEXO A).

Ao ser interpelada sobre qual atividade gostaria de desenvolver por meio da leitura do livro, a professora revelou que, até aquele momento, não havia formalizado nenhuma proposta de trabalho com a obra.

A forma como é indicado um livro para leitura nas escolas tem sido muito questionada, uma vez que há uma corrente de pensamento que afirma ser contraproducente ao trabalho pedagógico a simples imposição de uma mesma obra para a leitura de uma turma. Alguns bibliotecários são contrários a essa prática e revelam preferir a variedade de títulos ao invés de numerosos exemplares de um mesmo livro.

Somos impelidos a reconhecer que uma boa biblioteca possa ser aquela que oferece diversos títulos aos nossos alunos, notadamente tendo um acervo o mais variado possível. É atrativo para o adolescente ter um espaço com inúmeros livros e que vão atender aos gostos literários do alunado. Em um ambiente rico de possibilidades, é comum ver nossos estudantes compartilhando apreciações de leituras, que aguçam a curiosidade dos demais leitores.

Alguns títulos caem no gosto dos leitores e merecem até lista de reserva para empréstimos. Isso acontece quando a biblioteca propicia uma gama de títulos para seus frequentadores, que impressionam o gosto literário dos nossos jovens.

Entretanto, não vemos como uma prática que incorre em uma falta solicitar que a turma leia o mesmo título. Uma obra que agrada a todos é quase impossível de se ter, mas a discussão sobre as questões de determinados livros é muito produtiva em aulas de literatura. Mesmo que as avaliações possam ser negativas a respeito de uma história, o leitor deve ser confrontado a perceber suas preferências de temas, personagens, cenários.

A escolha de uma única obra, por outro lado, facilita a prática pedagógica de ensinar a ler nas entrelinhas, especialmente em textos mais longos. O aluno

quase sempre tem contato com textos literários somente por meio dos livros didáticos. Nesse suporte pedagógico, o texto, normalmente, é compactado para caber em três ou quatro páginas. Para que isso aconteça, excertos são extraídos do seu meio original e, por isso, o jovem tem somente a visão daqueles trechos retirados pelo autor do livro didático. Assim, o entendimento da completude da obra fica prejudicado, pois cada palavra retirada pode mudar o curso do entendimento do texto como um todo.

Em nossa proposta, pensamos em realizar uma leitura dramatizada do livro escolhido, tornando-nos porta-vozes do texto, levando-o à apreciação conjunta da turma. A leitura oral em classe, a nosso ver, possibilita a apreensão de habilidades no instante da leitura compartilhada. Envolver o sujeito na história pela leitura conjunta faz com que ele se sinta parte importante no processo. Ele se vê diante de diferentes sensações, lembranças, sentimentos, sentindo-se instigado a dialogar com o texto.

A biblioteca constitui-se, dessa maneira, como um espaço propiciador de diferentes tipos de leitura, ora como leituras obrigatórias, indicadas pelos professores, ora leituras de livre escolha do leitor. Procuramos convidar os alunos a fazerem, na biblioteca, uma leitura conjunta, com a intenção de aproximá-los desse ambiente propício à leitura. O trabalho foi feito em parceria com a professora da turma. O intuito era também aproximar a leitura de uma obra literária dos alunos e estabelecer conversas informais em torno da temática abordada.

5.1 Etapas do Plano de Ação

1) Realização de Questionário

Antes do início dos trabalhos com os alunos, queríamos ouvir a opinião deles sobre a biblioteca e o seu envolvimento com a leitura. Na primeira semana de outubro, foi aplicado um questionário (APÊNDICE 1), cujas respostas corresponderam ao que nós já supúnhamos intuitivamente.

O questionário foi aplicado em sala de aula no dia 1º de setembro. Foram entrevistados doze alunas e quinze alunos, totalizando, portanto, vinte e sete estudantes.

Quadro 1
Relação quantidade e idade dos alunos

Alunos		Alunas	
Quantidade	Idade	Quantidade	Idade
2	11 anos	2	11 anos
8	12 anos	9	12 anos
3	13 anos	1	13 anos
1	14 anos	0	14 anos

Para a pergunta genérica feita pela segunda questão – Você gosta de ler? – temos um resultado satisfatório, de acordo com as expectativas quanto à presença da leitura na vida dos alunos: 21 (vinte e um) responderam “Sim” à pergunta; 4 (quatro) disseram “Não”; 2 (dois) disseram “mais ou menos” e “de vez em quando”. Entretanto, esses números não condizem com a realidade observada na biblioteca, uma vez que os alunos dessa turma não são assíduos frequentadores do local. Cabe ressaltar um questionamento frente a esse item: se o aluno aprecia a leitura e ausenta-se da biblioteca, o que e onde ele lê? Uma outra possibilidade é que ele reproduza o discurso sobre a importância da leitura que circula na sociedade, apesar de não colocá-lo em prática.

Outra questão perguntou aos alunos como a família adquiria os livros literários que eles dispunham em casa. Todos declararam possuir pelo menos um exemplar de algum livro literário, embora a forma de aquisição dele revele que a maioria dessas famílias não possui o hábito de comprar obras literárias. O principal meio de obtenção citado foi o recebimento por parte de ações públicas, como a distribuição de livros literários feita pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte aos alunos das escolas municipais.

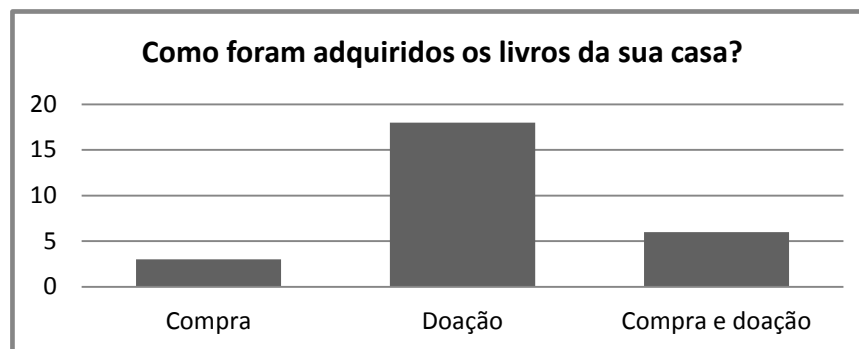


GRÁFICO 1 – OBTENÇÃO DOS LIVROS

Dois alunos marcaram “Não” quando interrogados se gostavam de ler, porém, na pergunta que questionava a forma como os livros de casa foram adquiridos, marcaram a opção “Ganhados”. Isso demonstra que esses alunos consideram o ato de comprar livro como forma de possuir esse tipo de material e a outra forma parece não ser relevante na aquisição de livros.

Outro dado que chama a atenção foi que somente um aluno declarou não receber da família incentivo à leitura. Focalizando o caso, observa-se, que embora não encontre um ambiente acolhedor em casa quando se refere à leitura, esse aluno tem a biblioteca como seu “porto seguro” durante o recreio, pois passa quase todo seu intervalo lendo revistas em quadrinhos nesse espaço.

2) Atividade de Motivação – 17 de outubro

Após analisar o questionário, fomos impelidos a pensar numa atividade que fosse significativa para os alunos, cuja execução recuperasse a função principal da biblioteca: incentivar o gosto pela leitura. Entretanto, ao planejar um trabalho que alcançasse esse propósito, foi necessário o diálogo com a sala de aula. Não nos esquecemos de que a promoção da leitura também passa por ela, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura.

Consideramos que a motivação de um projeto é uma atividade essencial na fase inicial de seu desenvolvimento. Geralmente essa motivação origina-se de uma pergunta ou de uma situação observada em sala de aula. O interesse é que o aluno se posicione diante das indagações frente à leitura. Cosson (2009, p. 56) afirma que “o elemento lúdico que elas (as motivações) contêm ajudaram a aprofundar a leitura da obra literária.”

A motivação constitui-se numa atividade de grande importância, uma vez que “exerce uma influência sobre as expectativas do leitor” ao mesmo tempo em que “não tem o poder de determinar sua leitura.” (COSSON, 2009, p. 56).

Frente ao objetivo de alavancar a disposição do aluno para o tema “memória”, abordado na obra escolhida pela professora, foi proposta, no dia 17 de outubro, a exibição do curta “Dona Cristina perdeu a memória”, que revela a história de Dona Cristina e do menino Antônio. O garoto conhece as inúmeras histórias contadas pela idosa que morava num asilo vizinho a sua casa. Ela sofre do mal de Alzheimer e, com a ajuda de Antônio, tenta recuperar sua história esquecida. Fizemos uma breve introdução, contextualizando o curta para os alunos e, a seguir, procedeu-se à apresentação do filme.



FIGURA 1 – Cena do curta-metragem “Dona Cristina perdeu a memória”.
Fonte: Disponível em: <<http://www.casacinepoa.com.br>>. Acesso em: 9 out. 2011.

Em seguida, pedimos que os alunos conceituassem o termo memórias. Todos tinham a mesma ideia sobre o tema, pois memória era, para a maioria deles, “*tudo aquilo que guardamos na mente sobre coisas passadas*”.

Indagamos ainda a importância das memórias na história pessoal de cada um. Vários alunos recordaram momentos felizes da infância; outros, porém, expuseram passagens trágicas em suas vidas. Naquele momento, compartilhamos vidas e experiências diversificadas. Cada sujeito trouxe, seja pela verbalização, seja pela reflexão individual e silenciosa, seu posicionamento diante do tema discutido.

Antes de passar para a próxima atividade, promovemos um diálogo sobre a relação afetiva de um avô com seu neto. Alguns relatos dos alunos ilustraram o relacionamento de amor e afeto que eles tinham com os avós. Outros se lamentaram por não os terem conhecido ou por terem falecido. Ricos momentos de diálogo foram instaurados antes da leitura oral da obra *No Clarão das Águas*.

Como enfatizamos muito a questão da memória, oferecemos um molde de uma caixinha intitulada “Minhas memórias”. No espaço apropriado, todos deveriam escrever um fato marcante da história pessoal de cada um. Depois de terminada a execução da atividade, as caixinhas foram expostas na biblioteca para a apreciação dos demais leitores. “As imagens [...] uma vez escolhidas por nós para serem ‘inesquecíveis’, ‘surpreendentes’ são oferecidas à apreciação, à leitura, para agirem no entrelaçamento de emoções, conhecimento, realidade e imaginação.” (SILVA, *et al*, 2009, p. 64).

A exposição das caixinhas na biblioteca chamou a atenção de muitos alunos que passavam por lá. A impressão que tivemos foi de uma maior interação entre eles, uma vez que reconheciam, na voz do outro, dramas e alegrias semelhantes. Ler aqueles textos era como ver o outro, enxergando a si mesmo.



FIGURA 2 – Memória escrita dentro da caixinha / Aparência externa



FIGURA 3 – Leitores apreciando as caixinhas “MINHAS MEMÓRIAS”



FIGURA 4 – Exposição das caixinhas “MINHAS MEMÓRIAS”

Como foi exposto, o projeto aplicado como Plano de Ação começou com um questionário que especulava como os alunos se relacionavam com a biblioteca e com os livros literários. De modo geral, a biblioteca é muito valorizada pelos alunos, os quais atribuem um grau elevado de importância à leitura. O que cabe indagar perante a essas avaliações é: qual é a razão desse discurso não se transformar em hábito de leitura? Essa questão ainda é um desafio para todos os educadores que lidam com esse público.

No final dessa aula, foi agendado com os alunos o próximo encontro para a leitura da obra *No clarão das água*.

3) Leitura da obra - Dia 21 de outubro

Nesse dia procedemos ao início da leitura do livro, anteriormente, porém, fizemos a apreciação dos elementos perigráficos² da obra. Elaboramos perguntas a respeito do que sabiam sobre o título e o autor. Mostramos fotos do autor em uma visita feita a nossa escola, em junho de 2010. O escritor participou de um bate-papo com os concluintes do Ensino Fundamental, como parte de um projeto desenvolvido com a professora de Língua Portuguesa. Assim efetuamos a contextualização do autor e da obra.



FIGURA 5 – Bate-papo com o autor Jorge Fernando dos Santos

² “Perigrafia” (segundo Compagnon) ou “paratexto” (é o termo empregado por Genette) consiste no “espaço liminar que introduz ao texto, constituído por textos menores que cercam e apoiam o texto principal: além do título, o nome do autor, o prefácio, a dedicatória, a epígrafe, as notas, as ilustrações, a bibliografia, o sumário, os apêndices e os anexos”. É através desses elementos que um “texto” torna-se “livro”, que ele se submete a uma nova “dispositio” que permite ao leitor avaliá-lo, ter dele uma imagem, sem ou antes de o ter lido.” (MUZZI, 1996, p. 65).



FIGURA 6 – Visita do autor Jorge Fernando dos Santos

Em seguida à contextualização, fizemos (com a participação da professora de Língua Portuguesa) a leitura dos capítulos 1 a 11. Compartilhamos a leitura acompanhando os narradores da história, que se revezam no relato das narrativas ora contadas pelo avô, ora pelo neto. Seguindo a proposta de alternância das vozes textuais, eu e a professora nos propusemos a alternar a leitura dos capítulos.



FIGURA 7 – Leitura partilhada com a professora de Língua Portuguesa

Em seguida, conversamos sobre os aspectos mais marcantes dos primeiros capítulos. Várias perguntas foram feitas aos alunos, como por exemplo: O que tornou incomum o jeito que o autor escreveu o livro? Por que ele escolheu dois narradores para contar a mesma história? Como é a relação entre os membros

dessa família? Há alguma semelhança entre a sua família e a família do Vô Francisco?

4) Continuação da leitura - Dia 26 de outubro

Nesse encontro, prosseguimos com a leitura dos capítulos 12 a 20. Continuamos a indagar a respeito das impressões que os alunos tiveram da história.

Num primeiro momento, pensamos em proporcionar também a leitura individual em casa pelos alunos. Para incentivá-los, oferecemos uma cruzadinha. Essa atividade deveria ser realizada em casa, depois da leitura dos capítulos 21 a 30. O exercício seria discutido pela professora de Língua Portuguesa na semana seguinte. Entretanto, a maioria dos alunos não realizou a tarefa solicitada. Portanto a proposta não surtiu o efeito esperado e, com isso, não garantimos a continuidade da leitura.



FIGURA 8 – Os alunos acompanham a leitura do livro *No clarão das águas*

5) Continuação da leitura da obra - Dia 28 de outubro

Fizemos a leitura dos capítulos 21 a 30, na biblioteca. Perguntados sobre a não realização da leitura em casa e da cruzadinha, os alunos argumentaram que achavam mais prazerosa a leitura feita pelas professoras, ao invés de ler sozinhos em casa. Alguns disseram ainda que entendiam mais a história quando acompanhavam a nossa leitura. Nesse dia, a discussão voltou-se para a atual

situação dos idosos no Brasil: as dificuldades e os desafios da população idosa e sua importância para a preservação e a transmissão do conhecimento local.



FIGURA 9 – Leitura pela professora de Língua Portuguesa

6) Leitura da obra - Dia 31 de outubro

Nesse dia, finalizamos a leitura dos capítulos 31 a 49. Mais uma vez, os alunos foram impelidos a discutir as questões pertinentes à narrativa, como características das personagens, o espaço, o enredo e os narradores. Muitos se sentiram tocados pela história do avô e do seu neto. Outros recordaram a tristeza de perder um ente querido com o diagnóstico de câncer, situação abordada pelo livro.



FIGURA 10 – Leitura, feita na biblioteca, do livro *No clarão das águas*

7) Construção de cartaz - Dia 2 de novembro

Após a leitura da obra, propusemos aos alunos a confecção de um cartaz com o tema “O respeito aos idosos”, em virtude das discussões que a obra suscitou. O trabalho foi feito em grupo e exibido na biblioteca.

8) Avaliação das ações - Dezembro

Antes de finalizar o ano letivo, convidamos seis alunos que responderam, em entrevistas gravadas, às perguntas que avaliavam o trabalho desenvolvido. Todos os alunos indicaram a biblioteca como o melhor lugar para se fazer a leitura de um livro. O silêncio e a organização do espaço foram considerados pontos fundamentais para uma boa atividade de leitura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida do Plano de Ação foi a nossa inquietação diante da ânsia de querer conquistar jovens leitores, que, anteriormente, na infância, eram frequentadores assíduos da biblioteca, e, a partir do início da puberdade, não se sentiam tão afeitos à leitura. Acreditamos que se pode estimular o gosto pela leitura nos alunos, por meio de estratégias de incentivo, dentre elas o estabelecimento de uma interação entre a biblioteca e a sala de aula.

Para tanto, buscamos a parceria da professora da turma, no intuito de fazer os alunos entrever a biblioteca como extensão da sala de aula. Não queremos, contudo, igualar os dois lugares, pois cada qual possui suas especificidades e funções.

a identidade da biblioteca escolar supera a concepção de instituição de apoio e de complemento para alçar à concepção de espaço de cultura, da produção da leitura, da produção dos textos escritos e do porto de partida para a navegação pelo mundo virtual (ARENA, 2009, p. 157).

A leitura literária é uma experiência estética, cujo alvo é a busca incessante do leitor pelo significado interno impulsionado pela obra. Compartilhamos a ideia de que nem sempre o livro provoca as mesmas reações, e, por consequência, nem sempre o livro resulta em prazer. Esse não deve ser o intuito estrito de qualquer projeto, já que estão em jogo os interesses pessoais.

Se quisermos usufruir da literatura, devemos nos lembrar de que esta possui uma infinidade de possibilidades, pois cada leitor não possui necessidades comuns a todos. Não há como determinar a leitura certa, talvez a possível, de acordo com o universo de cada leitor, mas o texto nos fornece pistas para nossa compreensão.

Conseguimos a participação da maioria dos alunos, senão de todos, no jogo da leitura, cujo objetivo foi buscar o sentido possível do texto, por meio do diálogo e troca de ideias, sempre entremeado pelas experiências pessoais. Nesse processo de estabelecimento de significados, a narrativa memorialística do livro *No clarão das águas* dialogava com as lembranças dos jovens leitores que estavam presentes ali.

Permitir que os leitores se identifiquem com as personagens se constitui num dos resultados do ato de ler. Nessa identificação entre leitor e personagem, é possível haver estabelecimento de laços, ou, talvez, surgir explicações, exemplos de vida, tirando da leitura observações acrescidas de uma diversidade de emoções.

Segundo nossa avaliação, o Plano de Ação só atingiu seus principais objetivos porque obteve a parceria e a colaboração da professora da turma. A realização de uma atividade pedagógica dessa natureza faz parte de uma estratégia que busca a integração biblioteca e sala de aula, constituindo-se assim em dois espaços complementares de mediação e valorização da leitura. *“As atividades isoladas”* de uma biblioteca *“não garantem uma contribuição ao propósito de democratizar a cultura letrada”*, assim proferiu Castrillón (2011, p. 27).

Ressaltamos a importância da presença do profissional da biblioteca – seja auxiliar ou bibliotecário – na dinamização desse espaço. A biblioteca vem ganhando muitos contornos e definições, ao longo dos anos, bem como sua funcionalidade vem sendo repensada pelos estudiosos. A imagem da biblioteca como o espaço onde se depositam livros, com a única função de catalogá-los e emprestá-los aos estudantes, já não condiz com a reflexão que se faz acerca do ambiente.

os elementos da Biblioteconomia são o bibliotecário, o livro (ou outro tipo de veículo cultural) e o usuário. Esses três elementos, em processo de interação, são o motivo de existência de uma biblioteca. Sem o bibliotecário, com seus conhecimentos de organização, seleção e orientação, o espaço dos livros torna-se desorganizado, tendendo a desaparecer rapidamente. Sem livros, o espaço torna-se inútil. Sem usuários, o espaço da biblioteca não se dinamiza, torna-se sem, sentido. Portanto, esses três elementos devem ser valorizados igualmente, quando se tem por objetivo o desenvolvimento da leitura em nosso país (MAIA, 2004, p. 22).

Sabemos que, na realidade das escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte, um bibliotecário é responsável por, em média, quatro a cinco bibliotecas de escolas municipais. Se analisarmos que cada escola possui pelo menos dois turnos atuantes, concluiremos o quão é insuficiente a jornada de 6 ou 8 horas diárias desse profissional para atender às demandas de cada turno e de cada escola. Uma estratégia a ser pensada seria a de criar parcerias entre auxiliares de biblioteca e professores, com o intuito de desenvolver, ao máximo, as potencialidades da biblioteca. Com isso não se pretende descartar a importância dos bibliotecários nas

escolas, mas sim indicar uma possibilidade de apoio ao trabalho de incentivo à leitura, quando esses profissionais não dispuserem de maior tempo nas bibliotecas.

Outra questão que merece destaque é a forma com a qual os alunos avaliam a biblioteca, como o lugar do silêncio, da organização, do ambiente próprio da leitura. Quando questionados se queriam novamente realizar um trabalho de leitura nesse espaço, todos foram unânimes em aprovar a ideia. Entretanto fica o seguinte questionamento: por que ainda é baixa a frequência desse público na biblioteca? O que dificulta o acesso dos alunos no local? Pode-se dizer que os adolescentes são realmente avessos à leitura? Para responder a essas perguntas é necessária uma pesquisa mais ampla, que reúna diferentes e profundas informações acerca dessas questões.

REFERÊNCIAS

ARENA, D. B. Leitura no espaço da biblioteca escolar. In: SOUZA, R. J. de. (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

BRITTO, L. P. L. Leitura e formação na educação escolar: algumas considerações inevitáveis. In: SOUZA, R. J. de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

CASTRILLÓN, S. *O direito de ler e de escrever*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

DONA CRISTINA PERDEU A MEMÓRIA. Direção de Ana Luiza Azevedo. Rio Grande do Sul: Casa de Cinema PoA, 2002. (13 min): color

ECO, U. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MAIA, S. G. *Biblioteca pública: espaço de mediação entre a criança e a cultura escrita*. Dissertação. Mestrado em Educação. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2004.

MUZZI, E. S. Leitura de títulos. Tradução por Luciana Lobato (Oficina de Texto, FALE/UFMG). In: QUEIROZ, S. (Org.). *Editoração: arte e técnica*. 2. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

SANTOS, J. F. dos. *No clarão das águas*. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, E. T. da. *Leitura na escola e na biblioteca*. 5. ed. Campinas: Papirus, 1983.

SILVA, L. da; FERREIRA, N; SCORSI, R. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, R. J. de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, R. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, A. A. G; GALVÃO, A. M. de O. (Org.). *Leitura: práticas, impressos e letramentos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

ANEXO A

Curta-metragem

Curta-metragem: *Dona Cristina perdeu a memória*

Gênero: Ficção

Sub-Gênero: Comédia

Diretor: Ana Luiza Azevedo

Elenco: Lissy Brock, Pedro Tergolina

Duração: 13 min. **Ano:** 2002 **Bitola:** 35mm

País: Brasil **Local de Produção:** RS

Cor: Colorido

Sinopse: Antônio, um menino de 8 anos, descobre que sua vizinha Cristina, de 80, conta histórias sempre diferentes sobre a sua vida, os nomes de seus parentes e os santos do dia. E Dona Cristina acredita que Antônio pode ajudá-la a recuperar a memória perdida.

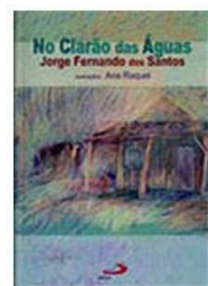
Disponível em: <http://www.portacurtas.com.br/beta/filme/?name=dona_cristina_perdeu_a_memoria>. Acesso em: 9 out. 2011.

Obra: No clarão das águas

Autor: Jorge Fernando dos Santos

Editora: Paulus

Ilustrações: Ana Raquel



O livro narra a história de Francisco e Eduardo, e de sua amizade e cumplicidade como avô e neto. O primeiro já está de partida, sente-se fraco e curte as dores de cotovelo ouvindo samba-canção. O outro mal acabou de chegar, esbanja saúde e vivacidade, e adora rock. De repente, ambos descobrem que têm muito o que aprender um com o outro, pois a vida é uma troca constante e só faz sentido quando é solidária. Francisco foi tropeiro na infância e seu último desejo é rever as terras e as águas daquele tempo. O que ele não contava, no entanto, é que Eduardo o acompanhasse na aventura.

Fonte: Disponível em: <http://www.jorgefernandosantos.com.br/pages/livros-clarao_das_aguas.htm>. Acesso em: 9 out. 2011.

APÊNDICE 1
Questionário para os alunos

Escola Municipal Milton Campos – Biblioteca Juselma Maria Coelho

Nome: _____ Sala: 10

- **Sexo:** () feminino () masculino
- **Você gosta de ler?** () sim () não
- **Tem livros na sua casa?**() sim () não
- **Os livros que tem na sua casa foram:**
() comprados () ganhados
- **A sua família incentiva você a ler livros?** () sim () não
- **Que tipo de leitura você prefere?**
() Histórias
() Poesia
() Piadas
() Jornais
() Revistas
() Gibis
() Outros:
- **Como você escolhe os livros para ler?** _____
- **Você gosta da biblioteca da sua escola?** () sim () não
- **O que mais gosta na biblioteca da sua escola?** _____
- **Gostaria de mudar algo na biblioteca da sua escola?** () sim () não
- **O que gostaria de mudar?** _____
- **Quantos livros você lê por mês:**
() 1 () 2 () 3 () 4 ou mais () Nenhum
- **Qual o livro que você mais gostou de ler? Por quê?**
- **Você se lembra de algum livro que não gostou de ler? Por quê?**
- **Gostaria de sugerir algum livro ou material para a biblioteca?**
- **Gostaria de sugerir algum tipo de atividade que poderia ser realizada na biblioteca?**
- **Complete a frase: *A biblioteca minha sua escola é um lugar...***

Obrigada por sua colaboração!

Shirley – Auxiliar de Biblioteca